

A CARTILHA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Kathe Ellen Sousa Costa ¹
Thiago Roberto França da Silva ²
Juliana Felipe Farias ³

RESUMO

Tornar o ensino atrativo aos alunos é uma das maiores dificuldades encontradas dentro dos espaços de sala de aula, portanto é fundamental que professores busquem instrumentos que auxiliem no processo de aprendizagem dos discentes, e para isto é preciso inovar. Considerando estes aspectos, esta pesquisa tem como seu principal objetivo elucidar a produção e utilização da cartilha como recurso pedagógico no ensino básico de Geografia, a partir de uma revisão bibliográfica e análise da produção de uma cartilha para abordagem de conteúdos da Geografia nos ensinos fundamental e médio dentro da perspectiva da educação ambiental. Ao escolher um material didático, é preciso compreender o seu processo de produção, o planejamento e a aplicação do mesmo. É importante também que este esteja bem alicerçado em um planejamento e de acordo com os objetivos do plano de aula, ou sequência didática que visa a sua utilização como principal recurso. Além do interesse que um recurso didático pode proporcionar, uma cartilha produzida para um público específico possibilita um maior envolvimento destes com o conteúdo trabalhado, despertando para o interesse em temáticas que correspondem ao ensino de Geografia, possibilitando a construção do conhecimento ativo, criativo e crítico para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, a cartilha como recurso didático mostrou-se um material atrativo, que desperta interesse e envolvimento a partir do primeiro contato. A estrutura dinâmica e os conteúdos trabalhados de forma concisa, abordam diferentes temas, sendo assim um material com aplicações múltiplas, e que pode ser trabalhado de maneira interdisciplinar, sendo um instrumento com potencialidade para a educação.

Palavras-chave: Cartilha. Geografia. Ensino. Metodologias. Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

Manter a motivação e atrair a atenção dos alunos é uma das maiores dificuldades encontradas dentro dos espaços de sala de aula, tornando-se fundamental a busca por diferentes instrumentos com potencialidades para propiciar um ambiente dinâmico e

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, kathesousa.costa@gmail.com;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, thiago.r11@live.com;

³ Doutora em Geografia. Professora orientadora. Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, juliana.farias@ufrn.br.

atrativo que vise o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem inovador e eficiente.

Considerando este cenário, entende-se como imprescindível que os professores busquem por inovações dentro de sala de aula de maneira que fortaleçam a possibilidade da produção autoral de diferentes materiais, com exemplo da cartilha, com foco na realidade dos alunos, como forma de promover uma aprendizagem significativa. Esta é baseada em princípios construtivistas, que propõem que a aprendizagem dar-se-á de maneira escalonada, a partir da construção de um conhecimento, que está aportado em conhecimentos anteriores, que foram desenvolvidos através de um modelo sócio-histórico-cultural, por Vygotsky, a partir de um processo chamado de ancoragem, conforme a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel (Bessa, 2008).

Santos (2014) sugere o desenvolvimento de materiais didáticos pelos próprios professores a serem aplicados em suas aulas, pois estes ao realizarem os seus planejamentos, determinam recursos a serem utilizados, realizam pesquisas, e portanto, tem potencial para construir produtos e materiais aplicáveis às suas realidades, em consonância com seus objetivos para aquelas aulas, tornando a sua prática mais assertiva.

Outro fator de relevância do ensino básico é a forma como os materiais didáticos são desenvolvidos, Tonini e Goulart (2017) discorrem sobre a constituição dos livros didáticos, e que estes são desenvolvidos por uma perspectiva homogeneizada, o que desconsidera as diferentes realidades em que os alunos estão inseridos, deixando somente a cargo do professor a abordagem local dos fenômenos.

Portanto, relevando as dinâmicas de sala de aula, percebeu-se a potencialidade que a cartilha adquire como um produto que promove a dinamicidade e o envolvimento do alunado, entende-se que essa possibilita uma abordagem de diferentes conteúdos no ensino de Geografia, sendo importante que professores compreendam o processo de produção, o planejamento e a aplicação de um material didático, a fim de projetar a sua utilização aportada em seu planejamento de aula e articulada com seus objetivos de aprendizagem.

Seguindo este viés, este artigo tem como objetivo geral, a elucidação da produção e utilização da cartilha como recurso pedagógico no ensino básico de Geografia, a partir da realização de uma revisão bibliográfica e análise sobre a produção de cartilhas como objetos de aprendizagem; discussão sobre a aplicação da cartilha na

abordagem de conteúdos da Geografia nos ensinos fundamental e médio; e evidenciar a cartilha como material com potencialidades dentro da perspectiva da educação ambiental.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que se deteve a investigar como as cartilhas podem ser confeccionadas e utilizadas em sala de aula, a fim de se tornarem recursos didáticos no ensino de Geografia, com ênfase no contexto da Educação Ambiental. Para o seu desenvolvimento foram necessárias as seguintes etapas.

O levantamento bibliográfico e documental como ponto de partida para a discussão da cartilha como objeto de aprendizagem no ensino básico de Geografia e abordagem didática a ser implementada na confecção de cartilhas, a partir de pesquisas em plataformas acadêmicas, artigos, livros, relatórios técnicos, materiais didáticos e documentos oficiais governamentais.

Após o levantamento de dados, foram elencadas referências que realizassem discussões pertinentes acerca do ensino de Geografia, produção de materiais didáticos, teorias da aprendizagem, e metodologias de ensino e Educação Ambiental.

Por fim, foi realizada discussão acerca dos resultados observados, e ponderações sobre o desenvolvimento de produtos didáticos, sobretudo cartilhas, no ensino de Geografia, atrelado ao contexto da Educação Ambiental.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciar o desenvolvimento deste trabalho, preocupou-se em compreender a definição de cartilha, que de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BRASIL, 2019) pode ser entendida como “produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais”, assim, entende-se que a cartilha tem potencial para ser implantada em sala como material complementar, que dará suporte ao professor no momento de uma abordagem mais diretiva.

De acordo com Conceição (2019) as cartilhas têm potencial justamente pela possibilidade de serem dinâmicas e trabalharem conteúdos de maneira lúdica, possibilitando que o leitor, - no contexto escolar, o aluno - se envolva com o assunto, aproximando-o ainda mais do conteúdo apresentado, portanto, é fundamental que ilustrações, imagens e textos estejam em consonância e alinhados a temática. Ainda, estes elementos devem estar contidos com a qualidade necessária para melhor observação dos sujeitos.

O ensino de Geografia perpassa por distintos desafios nos espaços escolares e formativos, causando fragilidades ao processo de ensino e aprendizagem, assim como dificultando que professores consigam desenvolver suas propostas de acordo com o planejado e de maneira satisfatória.

Cavalcanti (2010), Callai (2010) e Castellar (2010) apontam na direção da necessidade de se fazer um ensino de Geografia significativo para os estudantes, a partir de abordagem do cotidiano em sala de aula, dando relevância ao conhecimento prévio dos alunos e as suas vivências, possibilitando um processo de ensino e aprendizagem que permita aos alunos construir o conhecimento pautado em suas vivências, conferindo-lhes significado.

Para além desta perspectiva da maneira ideal de atuação do professor na ciência geográfica, estas autoras tecem reflexões acerca das dificuldades que podem ser encontradas no ambiente escolar, que permeiam entre aspectos físicos da escola, até dimensões da sociedade e como estas afetam os espaços escolares.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, atentou-se para a Geografia como ciência compõe a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - documento basilar do ensino brasileiro, e que orienta como o ensino básico deve acontecer nas diferentes fases -, em associação com a Filosofia, a História e a Sociologia, alicerçados nas ideias de “justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha” (BRASIL, 2018), que busca proporcionar uma formação cidadã aos alunos, permitindo que estes tornem-se sujeitos críticos da sociedade em que vivem.

Bessa (2008) foi fundamental em fornecer em seu material diferentes teorias da aprendizagem, sobretudo a teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky, que tem a aprendizagem como resultado de um processo de relações sociais, entre o indivíduo e o mundo que o rodeia; e a teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel, que

afirma que a aprendizagem resulta do processo de ancoragem do conhecimento, permitindo que o aprendiz consiga relacionar o novo conhecimento ao anterior, resultando na assimilação de um novo conceito mais elaborado.

Moreira e Masini (2001) forneceram um aprofundamento das ideias sobre a teoria de Ausubel, desenvolvendo de maneira aprofundada como se dá o processo de ancoragem e como este se relaciona com os conhecimentos prévios e subsunções, conceitos fundamentais da teoria.

Santos (2014) aborda como a produção de materiais pelos próprios professores pode ser uma estratégia rica no que se refere a proporcionar uma sala de aula dinâmica, que busca superar as dificuldades observadas no que se refere a existência de produtos homogêneos que não promovem uma experiência significativa aos alunos.

Portanto, estes autores foram fundamentais para se pensar a criação da cartilha como um produto com potencialidades para o desenvolvimento e promoção de um processo de ensino e aprendizagem que forneça aos alunos um conhecimento significativo, e que seja possível chegar a resultados positivos a partir desta intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atentando-se às reflexões realizadas durante o levantamento bibliográfico para este trabalho, associado ao desenvolvimento desta pesquisa, foram confeccionadas diferentes cartilhas pelos autores, com conteúdos distintos, voltados às práticas de Educação Ambiental, incorporadas ao ensino de Geografia.

Estas foram desenvolvidas seguindo os objetivos e competências indicados a cada etapa do ensino de acordo com a BNCC, de maneira a suprir fragilidades percebidas nos materiais didáticos vigentes, obtendo-se três cartilhas distintas com os seguintes títulos: “Por que é importante preservar?” (Figura 1 - a); “Conhecendo a bacia hidrográfica do Rio Potengi” (Figura 1 - b); e “Conhecendo a bacia hidrográfica do Rio Pitimbu” (Figura 1 - c), abordando respectivamente os conteúdos de: preservação e cobertura vegetal, para 6º ano do fundamental, e 1º ano do ensino médio; e bacias hidrográficas e utilização de recursos hídricos, voltadas para o ensino médio.

Figura 1 - Cartilhas criadas para as escolas públicas do município de Natal-RN



Descrição: a) Cartilha “Por que é importante preservar?”. b) “Conhecendo a bacia hidrográfica do Rio Potengi”. c) “Conhecendo a bacia hidrográfica do Rio Pitumbu”.

As cartilhas desenvolvidas, foram produzidas com objetivo de serem aplicadas em escolas públicas na cidade de Natal-RN, e portanto, abordaram os conteúdos a partir de uma visão local dos fenômenos apresentados e aplicação dos conceitos, exemplificando os conhecimentos no contexto da cidade de Natal. Este recorte se faz necessário, visto que os exemplos e delimitações contidas nos livros didáticos não favorecem para cenários vivenciados ou próximos dos discentes.

Essa estratégia visou não apenas transmitir informações, mas também proporcionar uma experiência educativa que estimula a capacidade reflexiva dos alunos. Ao integrar as vivências dos estudantes nos materiais didáticos, buscou-se promover uma conexão mais profunda entre o conhecimento adquirido e a realidade local, incentivando uma compreensão mais holística e crítica. Dessa forma, tentou-se favorecer o melhor contato e utilização com os componentes contidos nos materiais produzidos.

Na decisão de se produzir cartilhas autorais, reforça-se o que foi discutido por Santos (2014), no que se refere a importância da construção dos professores de seus próprios materiais. Sua construção deverá englobar uma proposta e estar apoiada em objetivos específicos de aprendizagem, neste sentido, o professor tem potencial produtor, uma vez que para planejar as suas aulas, este precisa realizar pesquisas, determinar recursos e objetivos específicos para proporcionar a aprendizagem dentro de

sala. Além disso, este movimento torna o professor autônomo da construção do conhecimento de sua prática.

O desenvolvimento destes materiais podem servir de apoio no que se refere ao complemento dos conteúdos trabalhados em sala de aula, ao se evidenciar aos alunos que estes são responsáveis, juntamente com a sociedade, pelos cuidados com o meio em que habitam, e que suas ações impactam o espaço que estão inseridos, e materializar os resultados a partir de espaços que estes reconhecem, e tem relação cotidiana, a aprendizagem torna-se significativa e permeada por afetos.

A produção de materiais autorais se mostra como fortalecedora das teorias construtivistas, onde a aprendizagem é concebida como um processo escalonado, ancorado em conhecimentos anteriores, além da relação que se estabelece com os conhecimentos prévios dos estudantes a partir do empirismo, visto os recortes espaciais apresentados nos materiais tratam-se de espaços que são conhecidos e estão presentes no cotidiano destes.

Segundo Vygotsky, o processo de aprendizagem é mediado por "sistemas simbólicos" que possibilitam a compreensão das informações ao longo da vida. Nesse contexto, dois elementos desempenham papéis mediadores essenciais: instrumentos e signos (Bessa, 2008).

Os instrumentos são objetos utilizados para direcionar a aprendizagem, externos ao aprendente sendo orientados para a coletividade, nesta perspectiva, os materiais didáticos podem surgir como instrumentos que vão orientar o que se pretende despertar dos alunos de aprendizagem. Enquanto, os signos, trata-se dos processos mentais, relacionados diretamente à cognição de cada sujeito. A partir dos signos pode-se fazer representações internas da realidade e resgatar conhecimentos adquiridos anteriormente, levando ao que se chama de internalização.

Na perspectiva vygotskiana, a linguagem desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da aprendizagem, sendo considerada determinante para o pensamento. Embora o pensamento exista na fase pré-verbal até aproximadamente os dois anos de idade, é por meio da fala que o pensamento se torna verbal, e a linguagem passa a ser racional. Portanto, a criança compreende que a fala é um instrumento para a socialização com o mundo.

Considerando estes aspectos, a cartilha desempenha papel fundamental de instrumento da aprendizagem, adotando a linguagem escrita e por representações

imagéticas como ferramenta para proporcionar o desenvolvimento de uma aprendizagem fortalecida em princípios construtivistas.

Portanto, professor e materiais didáticos agem como instrumentos mediadores do conhecimento, possibilitando que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de maneira significativa, permitindo que os estudantes desenvolvam o conhecimento a partir da assimilação e acomodação dos conceitos. Com isto, entende-se que o processo de construção de materiais didáticos deve se basear no currículo e na vivência cotidiana dos alunos.

A motivação de se produzir materiais autorais surge a partir da percepção durante a prática docente de como os alunos apresentam dificuldades em estabelecer relações do recorte global para o local de alguns fenômenos, reforçando as ideias das autoras Cavalcanti (2010), Callai (2010) e Castellar (2010), sobre a relevância atitudinal dos educadores na promoção de um ensino mais significativo.

Cavalcanti (2010) elenca algumas dificuldades do meio escolar, dentre estas destaca a relevância de manter os alunos motivados, mas que a motivação supera os espaços da sala de aula, sendo importante que o professor estabeleça relações significativas com os alunos.

Reforçando o que Callai (2010) aponta, sobre como o meio informacional pode ser uma das dificuldades enfrentadas no espaço informacional, dada a velocidade das informações recebidas pelos alunos, e que se não inovarmos, perderemos a atenção destes alunos.

Entretanto, outro fator relevante é a precariedade das condições de trabalho destes professores, que precisam atender a diversas demandas, e não obtém um retorno significativo do Estado, como melhorias das condições de trabalho, salário compatível com o trabalho exercido, materiais didáticos de qualidade, entre outras reivindicações.

Portanto, entende-se que a produção destes materiais tem importância na promoção de um ensino mais qualificado, com potencialidades de inovação e envolvimento dos alunos, ao se considerar o desenvolvimento de um produto focado na realidade destes e com elementos que visam despertar o seu interesse para além da estrutura de livros didáticos convencionais aos quais estes já têm acesso.

Para além disto, os materiais produzidos de maneira autoral pelos professores podem dar ênfase em aspectos que estes considerem relevantes para seus objetivos de ensino e aprendizagem, e como não se há materiais específicos para abordagem da

Educação Ambiental, visto que esta é transversal e deve aparecer no ensino de maneira complementar aplicada aos conteúdos programáticos, o material específico pode promover esta especificidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se desenvolver esta pesquisa, percebeu-se que além do interesse que um recurso didático pode proporcionar, uma cartilha produzida para um público específico possibilita um maior envolvimento destes com o conteúdo trabalhado, despertando para o interesse em temáticas que correspondem ao ensino de Geografia, possibilitando a construção do conhecimento ativo, criativo e crítico para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, os resultados desta pesquisa indicaram que as cartilhas, quando desenvolvidas de forma autoral e contextualizadas, não apenas transmitem informações, mas também estimulam uma aprendizagem que vai além da sala de aula, promovendo a formação de sujeitos críticos e conectados com a sociedade em que estão inseridos.

A abordagem local de fenômenos se mostra com potencialidades para o desenvolvimento de cartilhas, visto que ao serem expostos a materiais que representam realidades que os alunos vivenciam, estes conseguem realizar conexões entre conceitos, conteúdos e realidade.

Este estudo reforça a importância da inovação pedagógica e do envolvimento ativo dos professores na produção de materiais didáticos, contribuindo para um ensino mais qualificado e alinhado às demandas contemporâneas. Neste sentido, é importante que o docente reflita sobre as ações desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem, e assim pense sobre diferentes estratégias e materiais que contribuam para o melhor envolvimento dos indivíduos inseridos nesse processo.

Portanto, a cartilha como recurso didático mostrou-se um material atrativo, que desperta interesse e envolvimento a partir do primeiro contato. A estrutura dinâmica e os conteúdos trabalhados de forma concisa, abordam diferentes temas, sendo assim um material com aplicações múltiplas, e que pode ser trabalhado de maneira interdisciplinar, sendo um instrumento com potencialidade para a educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a construção deste trabalho ao Grupo de Pesquisa em Geocologia das Paisagens, Educação Ambiental e Cartografia Social (GEOPEC) por disponibilizar espaço propício para as discussões que fundamentaram o desenvolvimento deste trabalho, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa em referência ao Programa Residência Pedagógica.

REFERÊNCIAS

BESSA, V. H. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

BRASIL, CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pd> f. Acesso em: 01 jul. 2023.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E. M. B. de; MORAES, L. B. de (org.). **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia: Vieira, 2010. p. 15-37

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: teorias e práticas docentes. In: MORAIS, E. M. B. de; MORAES, L. B. de (org.). **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia: Vieira, 2010. p. 39-56.

CAVALCANTI, L. de S. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: **SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais**, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte, nov. 2010.

CONCEIÇÃO, E. H. *et al.* **A produção e uso de uma cartilha educativa como recurso didático no ensino do ciclo da água**. VI Congresso Internacional das Licenciaturas Cointer - PDVL 2019.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem Significativa: A teoria de David Ausubel**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

SANTOS, M. C. Importância Da Produção De Material Didático Na Prática Docente. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS**. 2014, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: AGB, 2014.

TONINI, I. M. *et al.* Desafios para potencializar o Livro Didático de Geografia. In: TONINI, I. M. *et al.* (org.). **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017. p. 259-272.